



TOTO, celebre coupletista hespanhola, no Casino Internacional do Mont'Estoril

Segunda série — N.º 451

Lisboa, 12 de Outubro de 1914

Ilustração Portuguesa

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPANHA:

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, L. DA
Editor: José Joubert Chaves

Redação, administração, offic. de composição
e impressão: RUA DO SEculo, 43

Edição semanal do jornal
O SEculo

Trimestre... 1\$20 cent.
Semestre... 2\$40
Ano..... 4\$80

Numero avulso
10 centavos

Agencia da ILUSTRACAO PORTUGUEZA em Paris, rue des Capucines, 5

QUIVIESARIA VINHAS
 COMPREM N'ESTA CASA
 51, Rua dos Fanqueiros, 52
 Freguesia de R. de S. Julião

Ouro a pezo Vende
Barateiro PIMENTA
 R. DA PALMA, 2. esquina

Colegio Nacional Internato de 1.^o classe para meninos e meninas. Professores estrangeiros, piano, canto, pintura, arte applicada, etc., etc.
SANTAREM

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
 Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de fórma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — *Escritorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276 PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51
 Enaereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**
 Numero telefonico: **Lisboa. 605—Porto, 117**

CAPITAL	
Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação	266.400\$000
<i>Résis.</i>	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Casal d'Hermio (Louzã). Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de fórma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — *Escritorios e depositos:*



A "PHOSPHATINA FALIÈRES"

é o alimento mais agradável e recommendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes principalmente na epocha do desmamamento e durante o periodo do desenvolvimento. *Facilita a digestão e assegura a boa formação dos ossos, Impede a diarrhéa, tão frequente nas crianças.*

PARIS, 6, Rue de la Tacherie, e EM TODAS AS FARMACIAS e BOAS MERCERIAS.

CRÈME DEPILATORIO
 pronto a empregar.
 Efeito garantido.
 Perfumado. Tira rapidamente, a puzença, barba, os pelos mais rijos da cara e do corpo.
 Não produz nem borbulhas nem vermelhidão, não irrita a pele. — Envio discreto e franco contra vale do correio de \$30 centavos.
 REPRESENTANTE: **JULES DELIGANT**
 15, Rua dos Sapateiros — LISBOA

A VENDA
Almanaque Ilustrado d'O SEculo
PARA 1915

Sabonete preparado com os saes das Aguas



de **Hizella**
 o melhor para a pelle

FOTOGRAFIA

Rentlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
 AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS
 TELEPHONE: Gutenberg 42-00 ASCENSOR

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 451

12-10-1914

Política exterior

Ha pouco ainda, a Inglaterra enviára ao Tejo o couraçado «Argonaut» para saudar a bandeira portuguesa. Oito dias depois, foi a França que mandou ás nossas aguas o cruzador «Dupetit Thouars», a fim de, pela voz dos seus formidáveis canhões, se associar á comemoração do quarto aniversario da Republica. Em qualquer circumstancia, o nobre gesto dos governos da França e da Grã-Bretanha representaria sempre uma prova de consideração pela nação portugueza, consubstanciada nas suas novas instituições. Na actual conjuntura, porém, semelhante ato de deferencia não pôde deixar de revestir um alto significado politico. Assim o entendeu o povo de Lisboa, saudando no almirante De Robeck e no comandante Gervais, não apenas as duas nações estrangeiras e amigas, mas a obra de politica exterior do governo portuguez.



Joffre

Joffre, prodigio de taciturnidade n'um paiz de latinos incontinentes, — fala de vez em quando. As suas frases são acontecimentos. Os telegramas repetem-n'as a todo o mundo, exaltam-lhe a sobriedade napoleonica. Hontem, Joffre disse: — «Estamos no principio do fim». E a Europa respirou. Hoje, Joffre diz: — «A grande arma é a artilharia; o resto, são auxiliares». E tudo quanto havia de imutavel na ciencia da batalha moderna, oscila



como uma sombra. Já um grande engenheiro

francez o afirmára, ha dois anos, n'um admiravel livro, — que foi um salutar aviso: «Na guerra d'amanhã, o triunfo pertencerá á nação que possuir a melhor ferramenta; ferramenta movel, — artilharia; ferramenta fixa, — linhas ferreas».

A moda

A guerra imobilizou as modas femininas. Se a convulsão europeia se prolongar, — assistiremos, no fim de 1914, á resurreição dos figurinos de inverno de 1913. A moda de hontem, — que parece mais velha ainda por estar mais perto de nós —, surgirá da névoa doirada do passado, onde todos os caprichos cáem como flores secas, trazendo a melancolia dos mesmos gestos, das mesmas linhas, das mesmas expressões.



— «Mas porque, essa imobilização da beleza, se a guerra não utiliza a mulher?»

— Naturalmente, porque os Paquin, os Doucet, os Adolph, os Léon,

todos os desenhadores de modas, todos os creadores de figurinos estão a estas horas no campo de batalha, — e porque a beleza da mulher é, e ha de ser sempre, a obra exclusiva do homem.

Amanhã

A assombrosa literatura que nos trará a guerra amanhã! As maravilhas de sentimento que vão surgir dos escumbros sangrentos da Europa, — como aquelas rosas que pelos campos de batalha da idade média brotavam dos velhos elmos enferrujados! Toda a epopeia do Dever e da Honra, todo o «pannact» da bravura gauleza, as grandes manhãs de combate inundadas de sangue e de sol, as cathedraes em ruinas, as cidades em chamas, o culto esplendido da Força, o espectáculo glorioso da atrocidade humana, instantes em que se vivem seculos, minutos em que se conquistam eternidades, — e lá baixo, nos hospitales de sangue, esses pequenos poemas de dor ignorada, de ternura oculta, — como o d'aquelle soldado bulgaro de 20 anos que, n'um hospital de Andrinopla, confessava á noiva, entre lagrimas de pudor, que lhe tinham amputado uma perna...

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).

A MORTE DE AVIATOGOR



(CONTO RUSSO)

SAUDA-
DOS
pelo
povo, Ilia

Murometz e Dobrinia, dois dos mais famosos cavaleiros da Santa Rússia, saíram de Kiew, n'uma manhã festiva e clara, em busca de aventuras onde provassem, mais uma vez, o seu inexcedível valor.

Cavalgando lado a lado, atravessaram planícies, transpuzeram rios e bosques, galgaram montanhas, sem encontrar viv'alma com quem defrontar-se.

Tanta solidão impacientava, sobre os cavalos fortes, os audazes paladinos, e, nas amplas bainhas, as longas espadas infatigáveis.

Só ao fim de muitos dias de marcha, quando já as cristas da Montanha Sagrada se avistavam, lograram os dois invencíveis cavaleiros descobrir, na sua frente, os vestígios recentes das patas de um cavalo.

Poderá não ser bravo, mas é decerto robusto, o corcel que por aqui passou! Assim pensando, Ilia e Dobrinia preveem um adversário digno d'eles.

Dobrinia propõe, por isso, que se lhe siga no encaço.

Ilia Murometz afirma que de bom grado o acompanharia, mas tem de ir combater Sviatogor, cuja estatura e força são de tal ordem, que nenhum mortal lhes pôde resistir, e á propria terra custa aguenta-lo.

—Cumpre-te a ti, meu bom Dobrinia, seguir as pégadas do misterioso cavalo que por aqui passou! No regresso a Kiew nos tornaremos a ver.

E dando-se, na boca, o osculo da despedida, separaram-se os dois esforçados cavaleiros: Dobrinia no rasto do desconhecido; Ilia em busca do formidável gigante.

vas vastidões, internou-se em novas florestas, vadeou novas torrentes, até chegar ao sopé da Montanha Sagrada, onde se dispunha a repousar, quando começou de ouvir um estranho ruido, que, em breve, se transformou n'um rumor medonho.

A terra estremecia, oscilavam as arvores, a agua das ribeiras agitava-se.

Montado n'um enorme e nobre cavalo, um homem então surgiu, de gigantesco aspéto, com a cabeça inclinada sobre o peito, os braços pendentes, n'uma sonolenta atitude, perante a qual Ilia se encheu de pasmo:

—Não é este, certamente, um cavaleiro russo!— comentou. Se o fosse, escolheria, para dormir, a sua tenda...

A estatura do dormite, cuja cabeça excedia a copa das mais altas arvores, levava Ilia á convicção de ter na sua frente o chefe de alguma tribu barbara, adoradora de idolos. Tanto bastou para o enfurecer. Esporeou o corcel, precipitou-se sobre o gigante, e descarregou-lhe, com a sua clava, um golpe tão tremendo que, ao desferi-lo, julgara prostrar de uma vez o cavaleiro e a montada.

O estrangeiro, porém, e o gigantesco cavalo nem sequer se moveram, continuando aquelle a dormir tranquilamente.

Muito admirado, despediu Ilia Murometz uma segunda pancada, ainda mais decidida, mas em vão!

Compreendeu que precisava redobrar de violencia, e, empregando toda a sua força, vibrou terceiro golpe.

O gigante pareceu, finalmente, acordar, para dizer: São incomodos estes mosquitos russos!—em seguida ao que estendeu maquinalmente a mão na direcção de Ilia, que, montado no seu cavalo, se sumiu, n'um instante, para dentro de um dos bolsos da aljuba do estrangeiro.

Sósinho agora, Ilia Murometz percorreu no-

Havia dois dias que Ilia Murometz e o seu

cavalo se debatiam infrutiferamente na sua ridícula prisão, quando ouviram o gigante interpelar o seu corcel:

—Mas, afinal, porque estás dando parte de fraco, meu bravo companheiro? Porque caminhas em passo cada vez mais vagaroso? Porque razão as tuas ferraduras se enterram, volta e meia, na terra?



xão, todo incrustado de ouro, onde se lia esta inscrição, em reluzentes letras: «Este caixão está feito á medida d'aquela a quem é destinado.»

Com ar ironico, Sviatogor disse ao companheiro que se estendesse sobre o caixão, para vêr se estava no seu tamanho. Iliá assim fez, mas não era necessa-

O cavallo relinchou, sacudiu a bela cabeça, e respondeu pesaroso:

—C o m o q u e r e s q u e não pragueje? D'antes não te carregava senão a ti; mas ha quasi tres dias, tenho de aguentar não só um, mas dois cavaleiros, e ainda o cavallo do segundo.

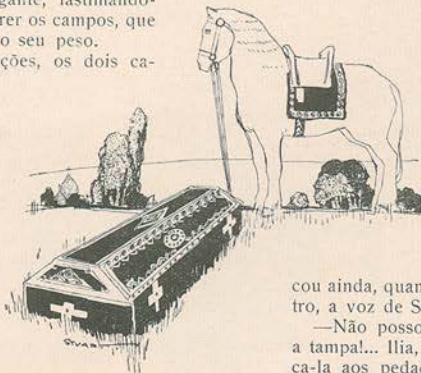
O gigante não reparara no que fizera, pois só n'esse momento se apercebeu de que o seu gibão pesava um pouco mais do lado esquerdo, dando-se pressa em restituir á liberdade o prisioneiro, ao qual perguntou quem era?

Iliá Murometz elucidou-o sobre o seu nome, as suas façanhas de heroico cavaleiro, e sobre o fim da sua jornada á Montanha Sagrada.

—Mas sou eu o Sviatogor que tu procuras!— exclamou o gigante, lastimando-se por não poder ir correr os campos, que se negavam a suportar o seu peso.

Após estas apresentações, os dois cavaleiros trocaram o beijo da paz, e resolveram percorrer a montanha, tratando-se por irmãos.

Iam os dois conversando, ao passo lento de seus cavalos, quando ambos, de repente, viram um caixão mortuario: um imenso cai-



ria tal experiencia, para logo se verificar que o caixão se mostrava largo e comprido de mais para ele.

—Além de nós dois, não ha mais ninguem n'esta montanha. Se o caixão não foi feito para ti, é que foi feito para mim!

Assim dizendo, Sviatogor desceu do cavallo, e estendeu-se no fundo do caixão.

—Eu não te dizia?—continuo.—O caixão ajusta-se perfeitamente ao meu corpo. Para maior certeza, peço-te, Iliá Murometz, que desças a tampa sobre mim.

—Queres enterrar-te vivo?—protestou Iliá, indignado.—Não serei eu quem te ajude em semelhante sacrilegio.

Emquanto Iliá se negava, Sviatogor, erguendo-se rapido, baixou, ele proprio, a tampa do caixão, que se cerrou com grande estrondo.

A principio, Iliá não se impressionou grandemente, esperando vêr, de um momento pa-

ra o outro, Sviatogor levantar a tampa e libertar-se com facilidade do funebre carcere. Como ele tardasse, porém, em faze-lo, aproximou-se, e ficou trémulo ao reconhecer que o descomunal atáide se transformára n'um bloco sem fenda alguma.

Mais trémulo ficou ainda, quando ouviu, de lá de dentro, a voz de Sviatogor, que supplicava:

—Não posso!... Não posso levantar a tampa!... Iliá, vê se consegues arranca-la aos pedaços!

Exforça-se Ilia para arrombar a solida eça, gritando ao companheiro:

—Não cede, irmão, não cede! Não consigo fendê-la!

—Pega na minha espada—ordenou Sviatogor—e poderás desconjuntar, com ela, as taboas todas!

Ilia corre para a espada, que inutilmente tenta levantar. Inamovível de grandeza, o peadíssimo ferro parecia ter creado raizes.

Reconhecendo a sua fraqueza, Ilia vem participa-lo ao gigante.

—Inclina-te sobre o caixão—indica-lhe Sviatogor—inclina-te bem, e comunicar-te-hei parte da minha força através d'ele!

Inclinando-se o mais que poude sobre o caixão desmedido, Ilia sente como que um sopro herculeo que lhe multiplica a força e avoluma a estatura, permitindo-lhe erguer e manejar a espada de Sviatogor.

Sob os golpes, saltam faiscas de oiro e estilhaços da madeira, mas, com eles, Ilia Murometz só consegue pôr á vista grossos circulos de ferro,

como mais inviolavel ainda, a integridade do ferro caixão.

—Suspende, Ilia, suspende! Inclina-te outra vez, para que eu te transmita o resto das minhas forças.

Ouvindo esta ultima ordem de Sviatogor, Ilia Murometz primeiro hesita; depois recusa.

—Receio que, em recebendo toda a tua força, a terra se negue a poder comigo!

—Tens razão!—comentou Sviatogor.—Já agora vale mais não te inclinares. E' o halito de um cadaver o que sai da minha bôca... seria a morte que eu te insuflaria... Fica, pois, sabendo a minha ultima vontade... Guarda para ti a minha espada, mas amarra ao meu sepulcro o meu fiel cavallo, que ninguém saberia montar... nem domar...

Nada mais disse Sviatogor. Dentro do enorme caixão escorreram as ultimas lagrimas do gigante.

Vendo que coisa alguma lhe restava para fazer ali, Ilia Murometz, depois de pren-



que tornam o caixão absolutamente inviolavel.

—Sufoco...—grita Sviatogor.—Dirige os teus golpes ao correr da madeira! Talvez assim obtenhas abalar alguma taboa!

Novos circulos, porém, vigorosissimos, apparecem, cruzados com os primeiros, patenteando,

der ao caixão inviolavel'o fiel cavallo de Sviatogor, montou no seu corcel valente, e, maior do que lá chegára, desceu da Montanha Sagrada, trazendo comsigo, para continuar vencendo, a gloriosa espada.

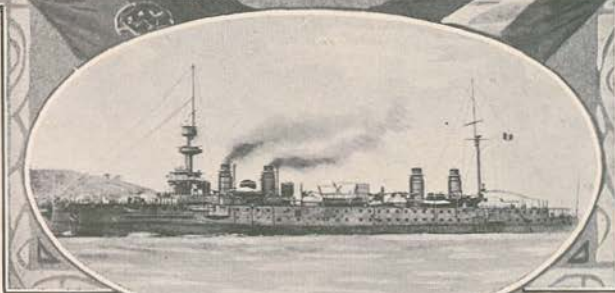
Manuel de Sousa Pinto.



FRANÇA E PORTUGAL

A grande República franceza escolheu o dia 5 de outubro para saudar também a República portugueza, enviando ao Tejo o cruzador *Dupetit Thouars* sob o comando do illustre oficial mr. Gervais. E mais uma vez se confirmou que das nações latinas as mais irmãs, de espirito e de coração, vivendo em perfeita comunhão de idéas e de liberdade, são a França e Portugal.

Ha muitos anos—mas ha muitos—que não assistimos a tão entusiasticas manifestações, tão sentidas, tão sinceras, saídas tanto do fundo da alma nacional. como as que acolheram os mari-



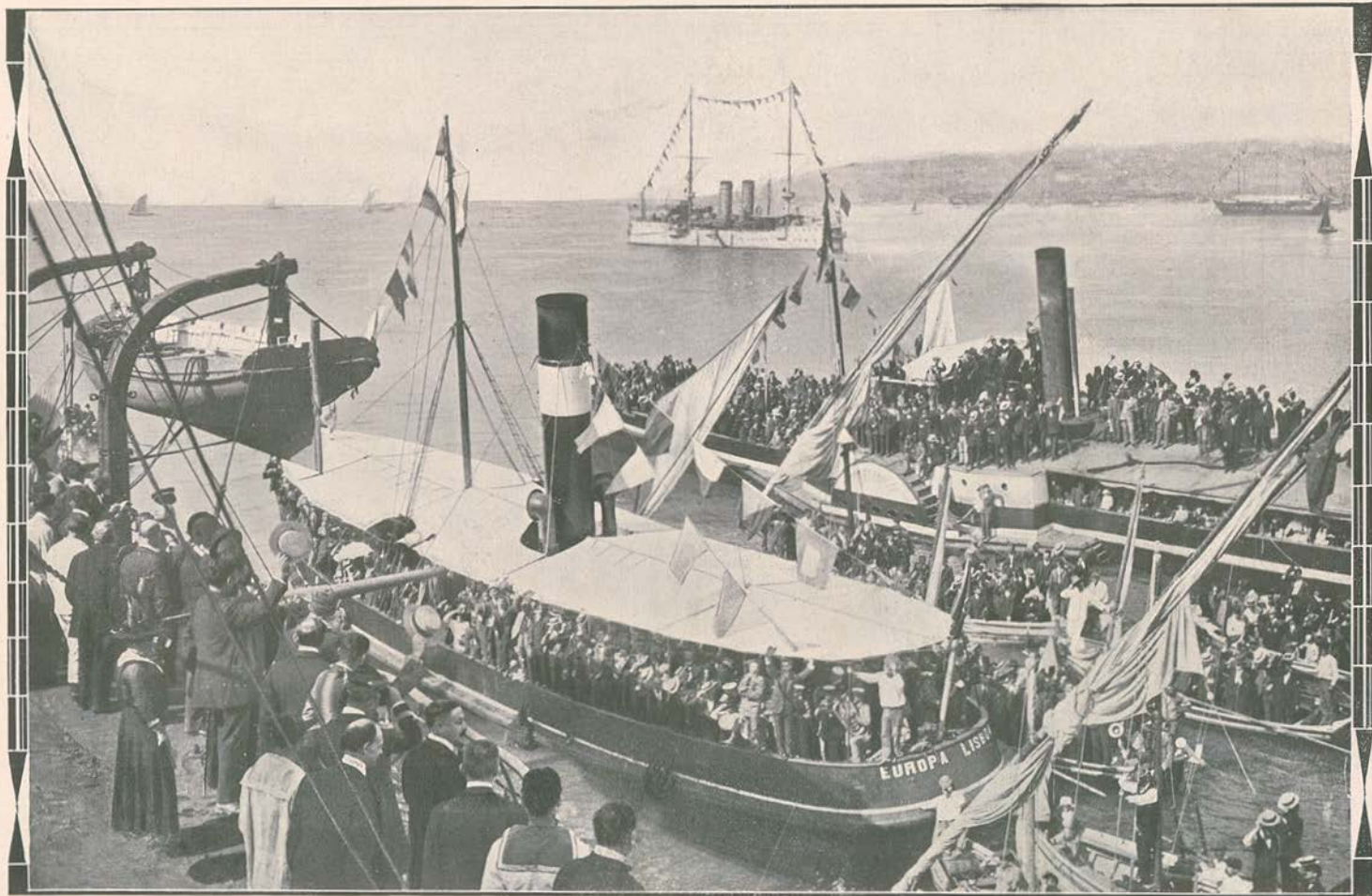
nheiros francezes. N'esta hora de luta e de incerteza não podia haver nada de mais significativo para definir a nossa attitude, nem mais convincente para os

nossos illustres hospedes de que anciavamos por nos

vermos quanto antes ao seu lado, combatendo pela democracia e pelos direitos sagrados dos povos. O dia 5 de outubro d'este ano fica memoravel, sem duvida. Não houve festas ruidosas e brilhantes, que comemorassem a revolução portugueza; mas nem por isso a expressão do sentimento popular foi menos viva de respeito e amor ás instituições.



1. O cruzador francez -Dupetit Thouars- no Tejo—2. No caes das colonas: O desembarque do comandante Gervais acompanhado do oficial ás ordens tenente sr. Gil e do secretario da legação franceza («Clichés» de Benoitte).



A' amurada do cruzador francez «Dupetit Thouars» o comandante agradece as manifestações feitas à França e aos aliados pelas pessoas que enchem as embarcações que estão em volta.—(«Cliché» de Benoitte).



No paço de Belem: O sr. dr. Manuel d'Arriaga, presidente da Republica, com os srs. comandante do cruzador francez, capitão de mar e guerra Gervais, ministro de França, mr. Daechner, dr. Bernardino Machado, presidente do ministerio e ministro dos estrangeiros, sr. Freire d'Andrade.—(«Cliché» de Benoillet).



FEIA...

(a Julio Dally)

Chamam-te feia... Ingrata Humanidade
Que tão mal compreendes a natura—
Porque não sabem, quanta formosura
Encerras n'alma—juvenil deidade!

Porque não sentem, como eu, a bondade,
—Essa bondade inata e sempre pura,
Que em teu risonho coração fulgura
Sob o manto subtil da caridade.

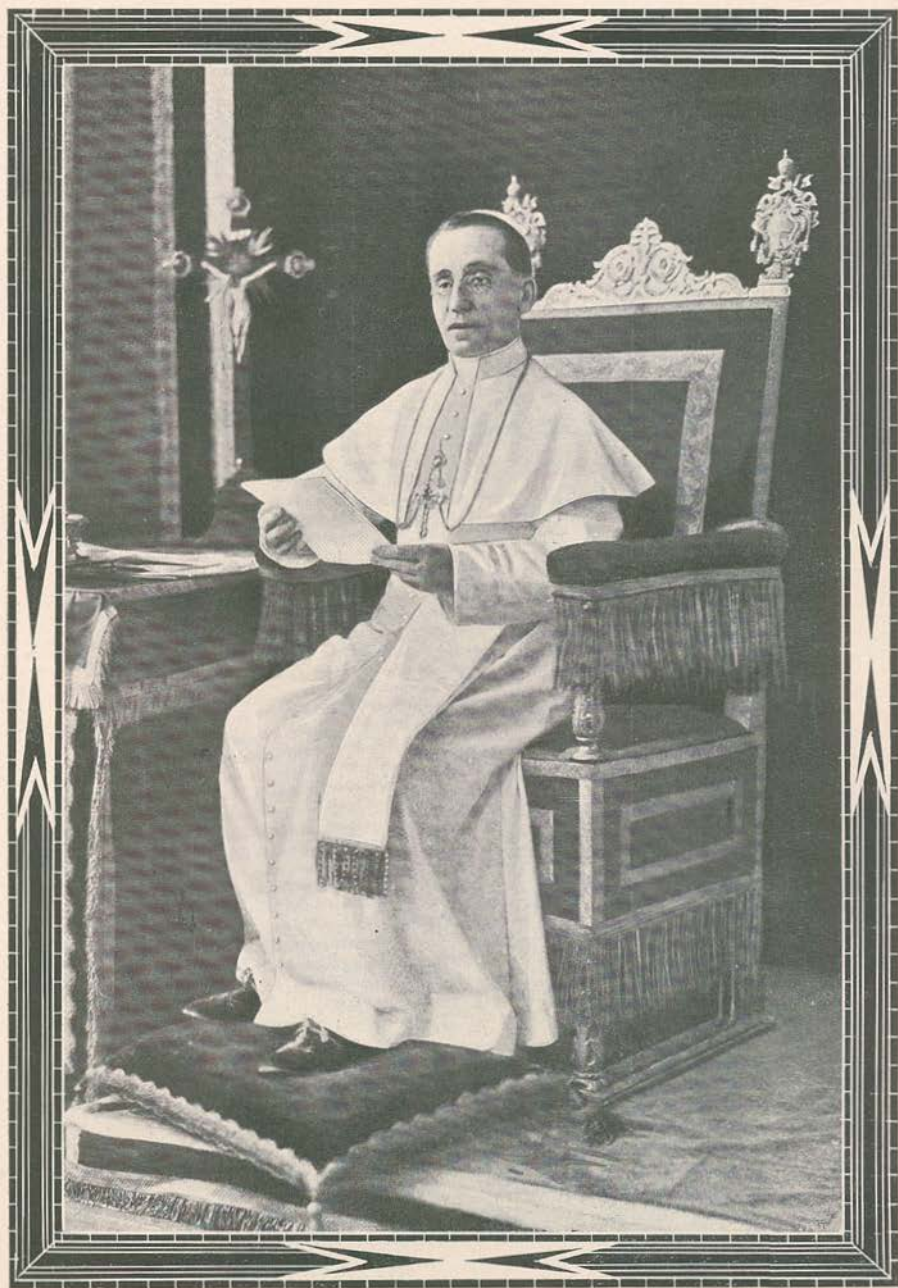
Chamam-te feia... sim; porém, que importa,
Se de minh'alma tens aberta a porta
E de meus lábios o sorriso é teu?!

Deixa-os falar! E's minha e tanto basta.
Para que sejas tão formosa e casta
Como os anjos que vivem lá no ceu!

J. MARQUES MENDES.

(Do livro «Acerba Dôr»).

STUART



O Papa Benedito XV ostentando pela primeira vez as vestes pontificaes

Batalha de flôres



Assistencia á batalha

As nossas praias encheram-se este ano. Causa forçada: a guerra. Mas ninguém se lamentou por não poder ir para o estrangeiro. Quasi todos reconhecem que encontraram aqui o que só imaginavam encontrar lá fóra.

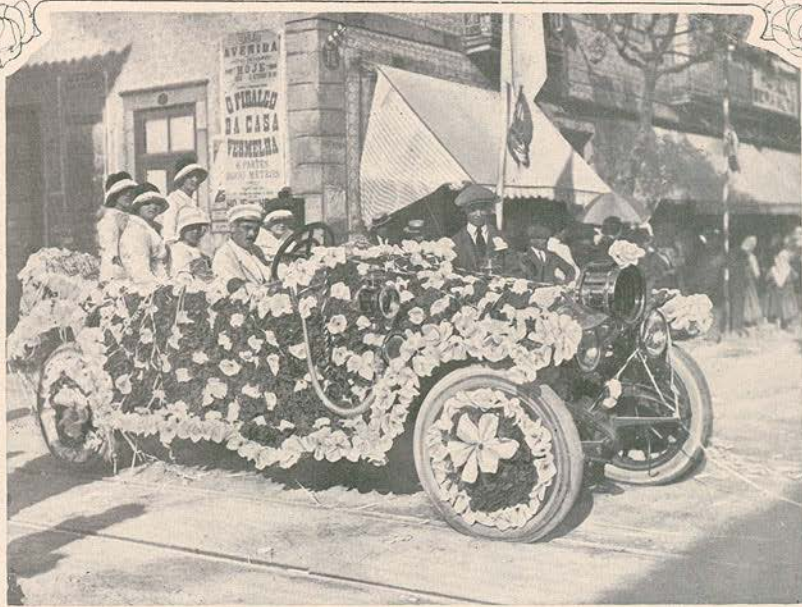
Não tem faltado distrações, quer nos clubs e casinos, quer ao ar livre, como excursões, jogos, pic-

nic, batalhas de flôres e muitos outros divertimentos.

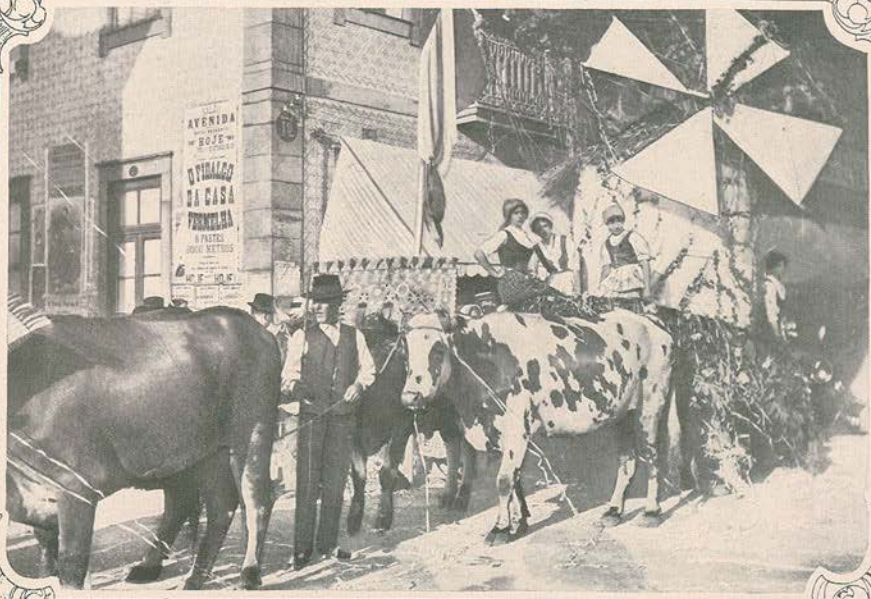


A charrete do sr. Hermenegildo Carreira de Sá

Em Espinho, então, a animação tem sido excepcional, vendo-se reunido n'aquela formosa estância e n'uma convivência encantadora o que ha de mais distinto na sociedade portuguesa.

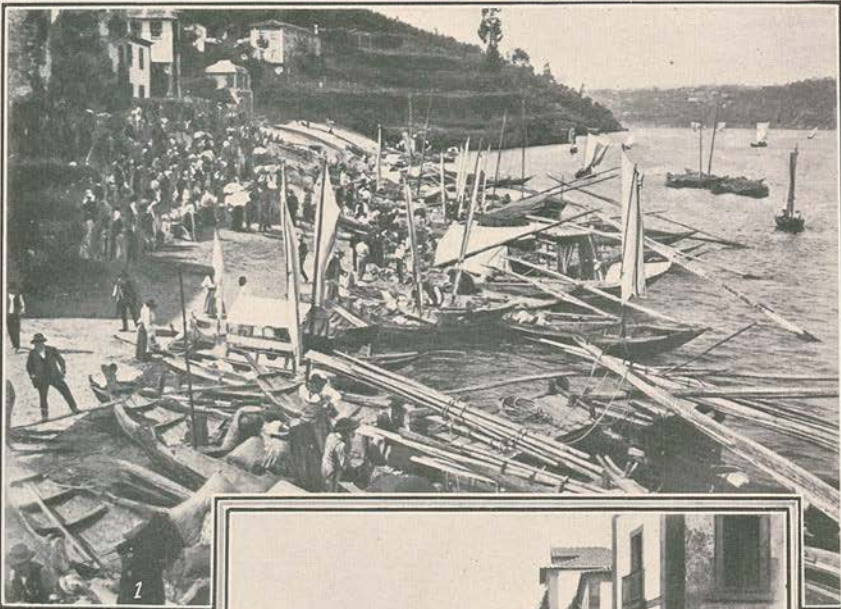


Automovel do sr. Emiliano Pinho



Carro molinho do sr. Nunes dos Santos. — («Clilhês» do sr. Albuquerque d'Almeida).

A FEIRA DAS NOZES

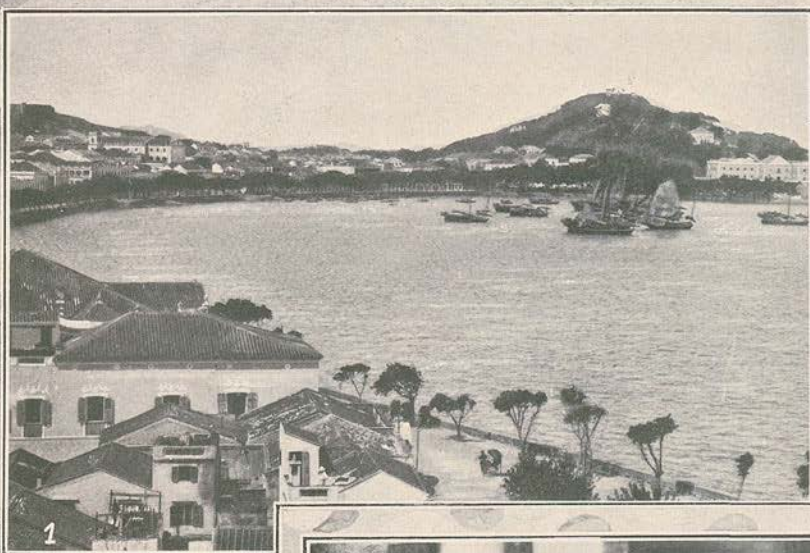


A Feira das Nozes em Arnelas é uma das mais pitorescas feiras do norte de Portugal. Arnelas fica a 12 quilómetros do Porto, na encantadora margem esquerda do Douro, em frente do Sousa. É um dos mais aprazíveis arredores do Porto; todos os domingos para ali se formam constantes romarias, assumindo um característico aspeto regional as excursões, *pic-nics*, regatas, etc., que lá se realizam, tornando-se digna de registo a excursão dos barbeiros do Porto n'um dos últimos domingos de setembro. Sobranceira ao Douro, destaca-se a capelinha de S. Mateus, a 10 minutos da praia, com a soleira gasta pelos pés dos devotos. São inúmeros os que lhe vão pagar ofertas no fim do ano, em dinheiro, em generos, em cera, etc. E o cumprimento da promessa serve de excelente pretexto para um bom passeio e para uma merenda ainda melhor. Feita á pressa a devoção, espalham-se todos pelo areal caprichosamente em grupos, comem com devorador apetite os seus farnéis e ensopam-se á larga no afamado *ver-tasco* e especialmente no *americano*, que, depois de S. Mateus, com os seus milagres—bem entendido—é, com os seus vapores, o mais poderoso chamariz da pitoresca Arnelas.



1. Um trecho da Feira e Praia de S. Mateus em Arnelas.—2. Local de desembarque em Arnelas.—3. A venda das nozes em Arnelas.—(«Clichés» do sr. J. Castro).

MACAU

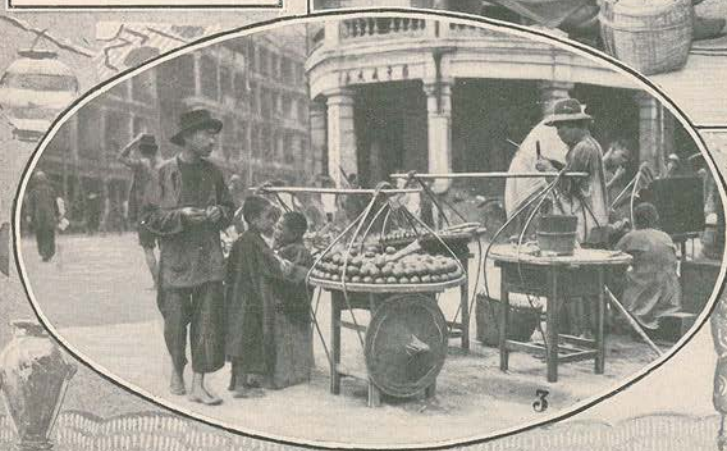


1

Quem conhece Macau, essa nossa colônia, encravada na China? Quasi ninguém; e contudo quão interessante ela é. Os seus costumes tão originaes tem um mixto dos costumes portuguezes e dos



2



3

1. Vista da "Praça Grande"—2. Costureiras chinas que andam pelas ruas de Macau—3. Vendilhão de frutas



rituem um verdadeiro flagelo.

As suas tradições tem sido mantidas e os seus costumes sempre respeitados, embora, para isso, se tenha de fechar de vez em quando os olhos ás leis.

Em Macau ha familias distinctissimas, algumas de tratamento principesco, e funcionarios publicos, cuja inteligencia e zelo não são inferiores aos dos da Europa. O viajante, que por ali passa, traz sempre as melhores im-

costumes chinezes. De população tão heterogenea, tem contudo progredido por si só e o seu commercio local de opio, louças, chá, etc., tornaram-na uma cidade rica e digna de toda a protecção que a metropole lhe possa dispensar.

Felizmente que o nosso governo assim tem procedido, dispensando-lhe todas as providencias de caracter administrativo e garantindo-lhe ao mesmo tempo a sua defeza sobretudo contra os piratas, que para ela cons-



1. Vendilhão de refrescos
 2. Outro vendilhão de frutas
 3. Criadas de servir
 4. Uma mulher chineza-dona á porta da sua habitação
- («Clichés» do sr. Auolfo J. H. Eça).

pressões de um dos poucos recantos da China em que se respira alguma coiza da civilização europea.

A Europa em guerra



Apesar das grandes e brilhantes vantagens obtidas pelas tropas aliadas sobre os alemães, continua demorada a solução do medonho conflito. Ha mesmo a geral convicção de que ele se não liquidará entre os beligerantes atuais, pois que até as mais serenas neutralidades se vão perturbando com a troca de notas diplomaticas e os aliados das nações combatentes reconhecem que não devem adiar por mais tempo a presta-



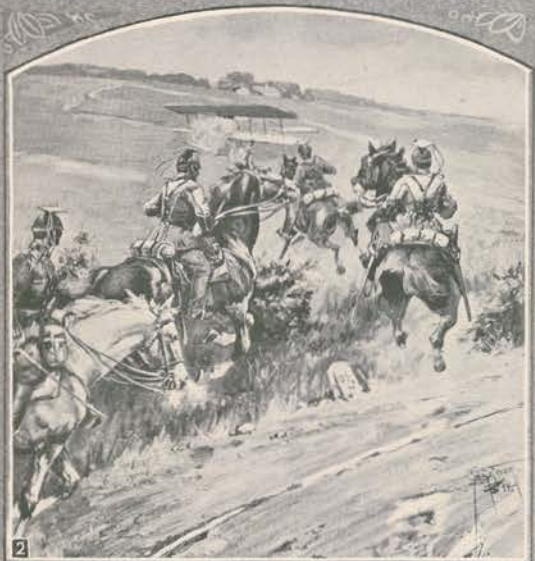
ção dos seus serviços.

Portugal é o primeiro paiz da Europa que sae d'esta espétativa. O governo resolveu que o nosso exercito fosse quanto antes tomar parte nas operações, d'acordo com o voto do parlamento e com o sentir de todo o paiz, que já mal disfarçava a impaciencia de se definir a nossa atitude.

Vão partir as forças de uma das nossas divisões militares. Não é a primeira vez que o soldado portuguez atravessa as nossas fronteiras para ir combater



1. Um turco pensando um ferido alemão—2. Os alemães transportando os feridos da guerra



1. As tropas austro-hungaras lutam contra os habitantes d'uma villa servia, tomada por assalto.—2. Um aeroplano francez escapa e é perseguido por uma patrulha alemã.—3. Uma sentinela franceza surpreendida por uma patrulha alemã.—4. Aspêto de um combate entre russos e austriacos.

em terra estranha por ideias que são os nossos e por desempenho honroso de compromissos de alianças internacionais. E tem-se sempre batido com a galhardia, com o valor, com a fé de quem se bate sobre o seu proprio territorio pela defesa do que lhe é mais sagrado.

Como de todas as outras vezes, ele será o orgulho legitimo do seu paiz, cobrindo-se de gloria e enaltecendo-lhe o nome.

Agora é de sacrificios para todos: para os que vão arriscar as vidas, para os que ficam com os seus lares privados de alegria e dos braços que os amparavam, para o paiz inteiro que terá de custear



Broche usado pelas mulheres alemãs que perderam alguem na guerra. A legenda é a seguinte: «Dêi com orgulho o meu caro amor pela patria».

largas despesas n'uma conjuntura em que já entre nós se começam a refletir as graves perturbações economicas e financeiras que vão lá por fóra.

Mas quem haverá que se não conforme, que se não resigne, tratando-se da honra do nosso paiz e quem sabe até se da sua propria independencia?

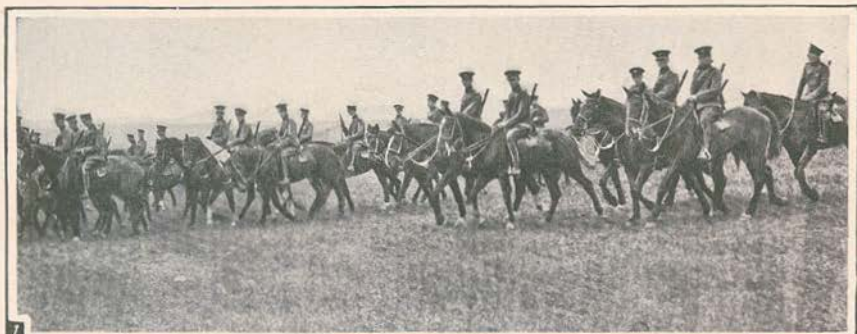
Certamente que ninguém, que se prése do nome de portuguez. Cada um quererá ser o primeiro em sacrificar-se pela honra e pela integridade da patria. De resto, é esta a mais brilhante divisa dos portuguezes atravez dos accidentes dos seculos da nossa historia.



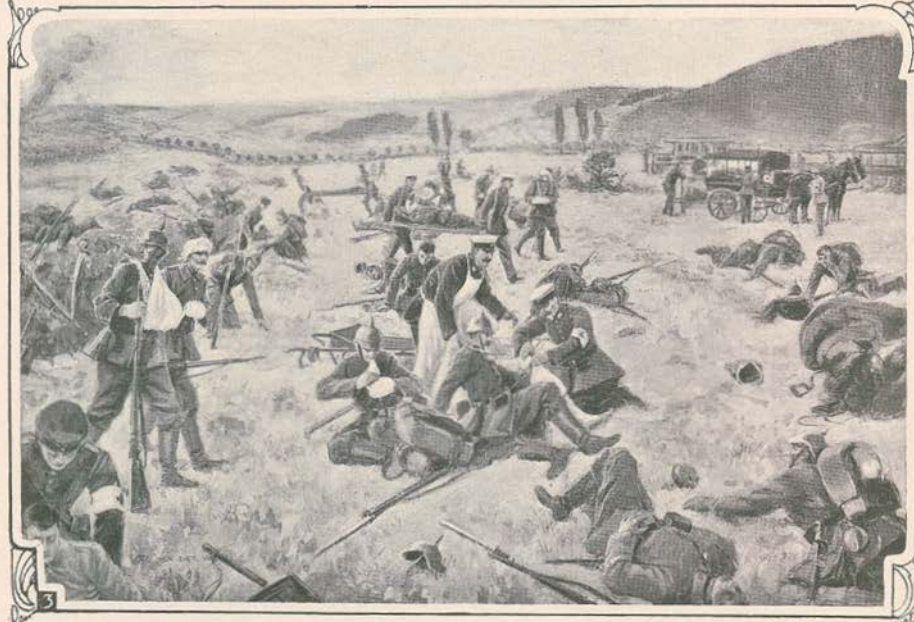
Em todas os estabelecimentos da Alemanha ha capacetes convertidos em mealheiros para os feridos da guerra.



Cavalaria russa e cossaca avançando para os Carpathos



1. Hussards Ingleses voltando de um reconhecimento—2. Hussards Ingleses perto de Saint Quentin



A Cruz Vermelha alemã tratando os feridos



Oficiais do exercito da India que vão combater no lado das tropas aliadas



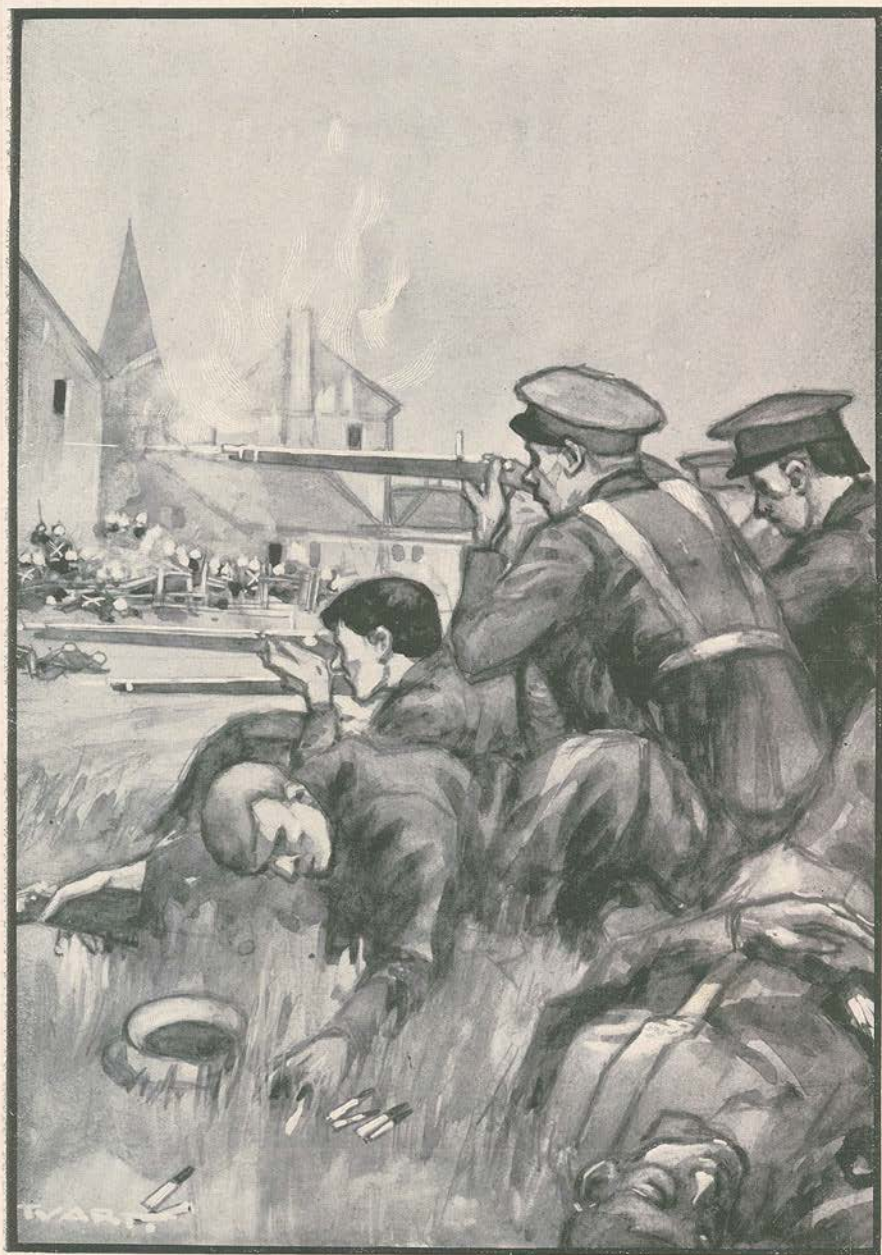
A sua partida, os couraceiros francezes são presenteados com cigarros e varias outras coisas



Prisioneiros alemães a caminho de Antuerpia



Luta entre russos e austríacos na Polónia.—Uma emboscada



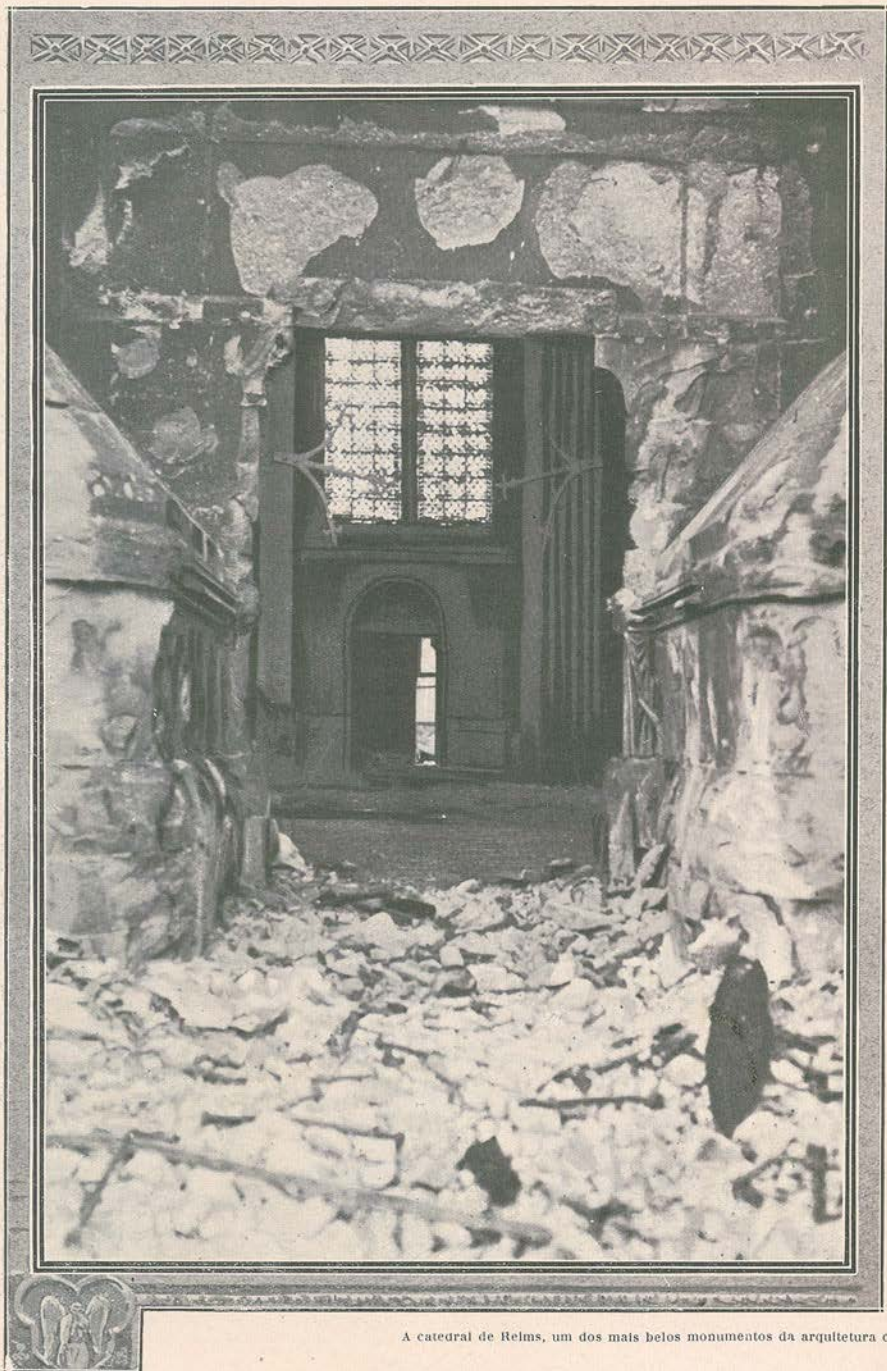
Inglezes e alemães.—Um duelo de Infantaria n'uma aldeia de França.—(Desenho do sr. Stuart Carvalhaes).



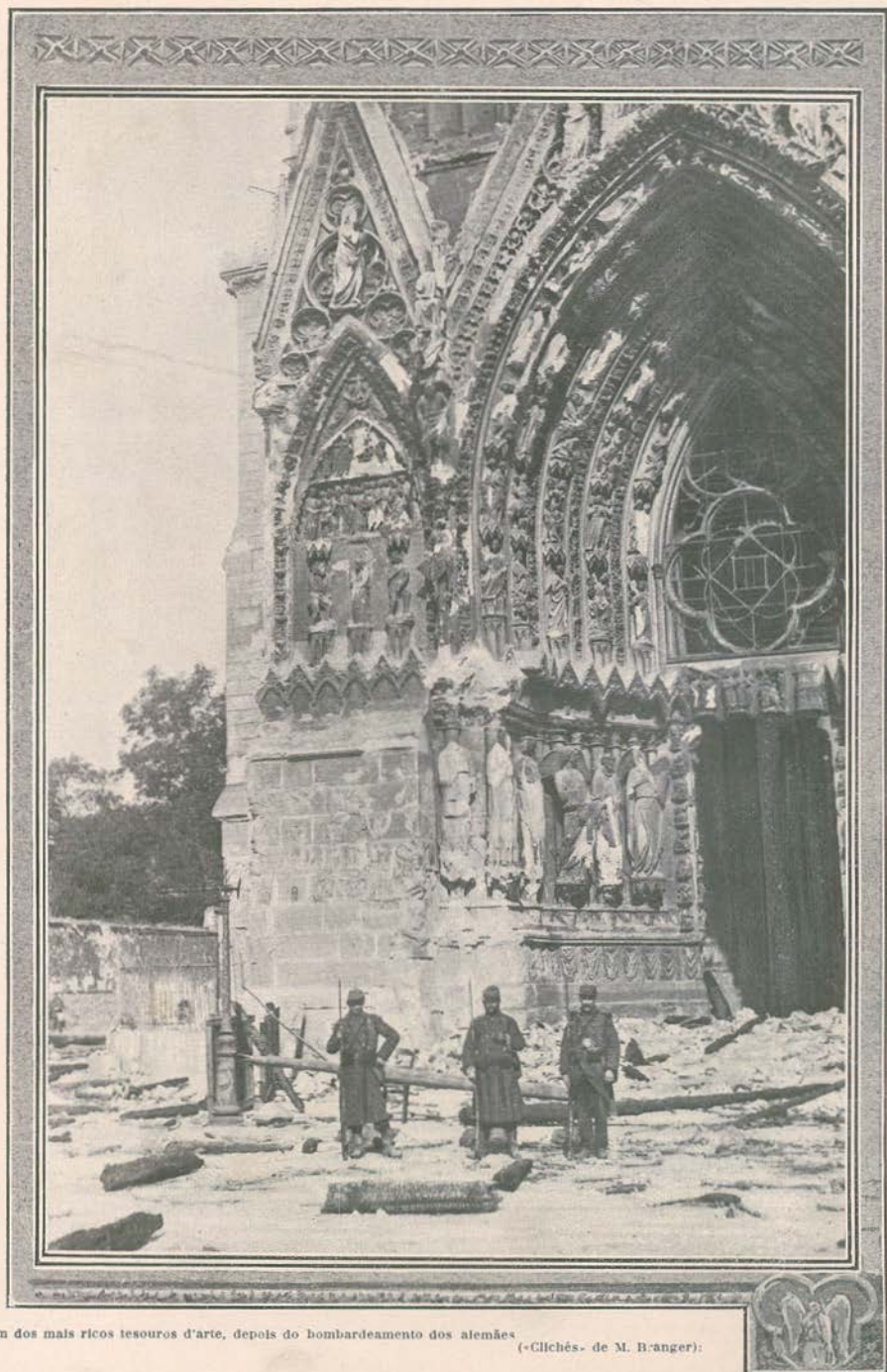
N'um hospital francez.—A enfermeira lê aos feridos noticias da guerra



N'outro hospital francez, os feridos entretem-se a jogar o loto.—(«Clichés» de M. Branger).



A catedral de Reims, um dos mais belos monumentos da arquitetura cristã



e um dos mais ricos tesouros d'arte, depois do bombardeamento dos alemães

(-Clichés- de M. Banger);

A República portuguesa fez quatro anos de existência, e n'esses quatro anos, apesar das enormíssimas dificuldades que encontrou, dos odios com que sempre esbarram os regimens novos e do mal estar internacional dos últimos tempos que explodiu, vai para tres mezes, n'uma luta sem precedentes, — n'esses quatro anos conseguiu assegurar uma larga vida de trabalho e de prosperidade. Diminuiu consideravelmente o numero dos que desconfiavam da sua obra e a expectativa em que se conservavam algumas nações acérra da viabilidade de uma republica que substitua uma monarquia de oito seculos. transformou-se na certeza de que esse



festas comemorativas este ano, nem a conjuntura é para festas. Os cinco mil escudos votados para elas foram ofertados á Inglaterra para a sua subscrição em favor dos feridos da guerra. A unica manifestação que se julgou oportuna — e

muito bem — foi uma grande parada militar. O porte brioso das nossas tropas arrancou aclamações frenéticas ao incalculavel publico que as via desfilar: e o sr. dr. Manuel d'Arriaga, o ilustre e venerando chefe do Estalo, assim como o sr. dr. Bernardino Machado, o prestigioso chefe do governo, receberam tão efusivas provas de simpatia e respeito, que não ha festas capazes de radicar

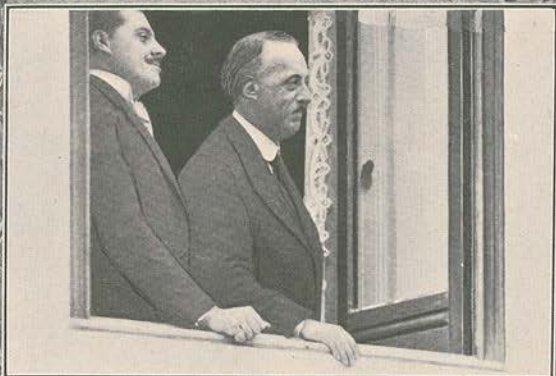


1. O sr. Presidente da Republica acompanhado do sr. presidente do m'nisterio passa revista ás tropas seguido do sr. ministro da guerra e do seu estado maior—2. Na praça Marechal Saldanha: O desfile da marinha. — («Clichés» de Benoit).

regimen colocaria o paiz na politica europea á altura correspondente ao seu passado historico. Não houve

mais no nosso espirito a consagração nacional da nossa Republica.

A Bélgica e a França



ambos, vingam-se em destruí-
lhes de longe, por
meio dos canhões de gran-
de alcance, os seus templos,
os seus hospitais, os seus
monumentos. Compunge
ver dolorosos espectáculos de
ruínas sobre ruínas, que
não demonstram vitórias de
soldados, mas lembram
vergonhosamente as selva-
gerias dos hunos.

O povo de Lisboa, n'uma
manifestação grandiosa e
comovedora, exprimiu ás
ilustres legações dos dois
paizes o seu veemente pro-
testo contra as atrocidades
alemãs e os seus fervorosos

votos pelo triunfo dos aliados.

Foi, além d'isso, uma nota edificante de quan-
to se vae radicando entre nós o espirito da de-
mocracia e da liberdade. A tirania imperial,

São dois nomes—Bélgica e França—que nunca
deixaram de andar associados na mais entranha-
da simpatia portugueza. A guerra atroz, que não
tem conseguido vencer a coragem e valentia de



1. O sr. ministro da Bélgica á janela da legação agradecendo as manifestações—2. Na rua da Imprensa Nacional: Os manifestantes á passagem pela legação da Bélgica



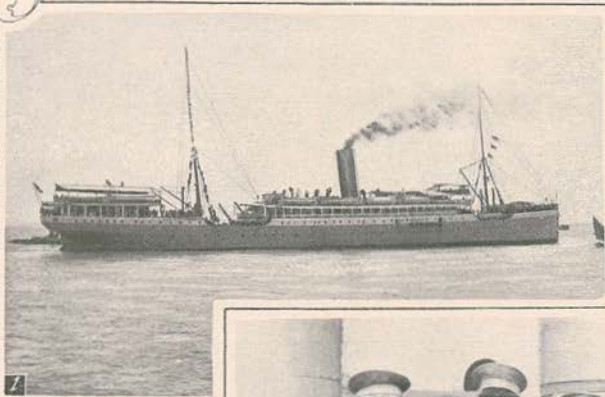
por mais atenuada que se finja, revoltá já também o povo portuguez. Com a sinceridade profunda da nossa simpatia pelos dois paizes e da grande dôr que nos causam as crueldades de

que são vitimas equala-se perfeitamente a indignação que nos está causando desde o principio da guerra os excessos criminosos do imperialismo alemão.



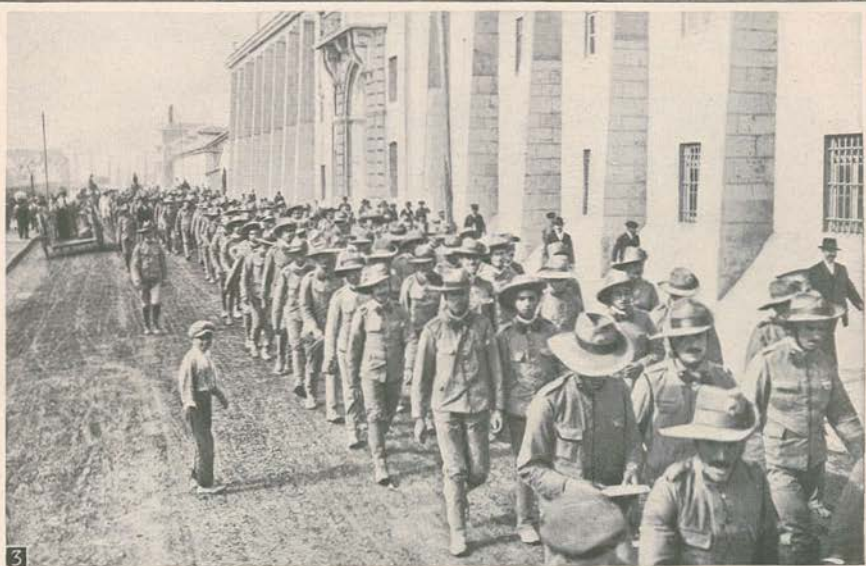
1. Na legação de França: O sr. ministro de França á janela saudando o povo com as bandeiras dos aliados—2. A manifestação contra os atos de vandalismo praticados na França e Belgica peios exércitos Invasores, Passando na praça do Rio de Janeiro.—(«Clichés» de Benolle).

Contingentes para a Africa



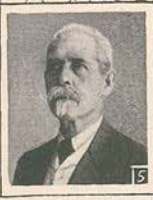
dades que tem o
nosso exercito,
perante esta medonha
colisão internacional. Não
temos só o continente a defender,
não temos só a crear-nos uma
situação honrosa no concerto
europeu, tomam-lo na luta o
posto que nos compete, temos
tambem um largo patrimonio
colonial a defender. Por isso o
soldado portuguez parte hoje
para a Africa, aquecido pelo
mesmo idea!, com que partirá
para o teatro da guerra.

No Africa seguiram os contingentes que se destinam ás unidades da provincia de Angola. Comanda-os o capitão Sequeira Varela, que leva como subalternos os alferes Cabrita, Alfarrá Cruz e Francisco da Conceição. É uma coisa que nos orgulha sempre ver a fôrma desassomburada e entusiastica como o soldado portuguez deixa o seu quartel, ou a sua casa, para onde o chama o dever. Não lhe custou nada a comprehender as responsabil-



1. O paquete «Africa» com os contingentes para o ultramar—2. Alferes sr. Conceição, capitão sr. Antonio Varela e alferes sr. Cruz e Cabrita—3. No ccs d'Aréa: Os expedicionarios a caminho do caes da Função.—(Clichés de Benollei).

FIGURAS E FACTOS



1. Sr. José Augusto Cardoso, comerciante e secretario.
2. Sr. dr. Sebastião de Moraes, antigo administrador
Guarda, falecido em Odivelas. Foi um funcionario
distinta ballarina, falecida ha dias em Lisboa.—4. Sr. Manuel Gomes, antigo livreiro da rua Garrett, falecido em Lisboa.—
5. Sr. major João Pedro Gomes Ribeiro, falecido recentemente em Lisboa.

rio de finanças em comissão, falecido em Lisboa.—
de Gouveia e secretario geral do governo civil da
distintissimo.—3. Sr. D. Filipa Dias La Quintana, dis-
tinta ballarina, falecida ha dias em Lisboa.—4. Sr. Manuel Gomes, antigo livreiro da rua Garrett, falecido em Lisboa.—
5. Sr. major João Pedro Gomes Ribeiro, falecido recentemente em Lisboa.



Dr. Henrique Augusto de Car-
valho Ferreira.

E' voluntario de um re-
gimento de engenharia bel-
ga, louvado pelos seus atos
de coragem na ordem da
companhia de 4 de setem-
bro.

O vapor «Camrose» encalhado nas Berlengas.—(Cliché do sr. Xavier d'Almeida).



Grupo de officaes de barbeiro do Porto, que resolveu fundar uma tuna, dando o seu primeiro passeio Rio Douro acima até Arnelas.—(Cliché do distinto fotografo amator sr. Antonio Lopes).

PÕ
DE ABYSSINIA
EXIBARD
Sem Opio nem Morphina
 Muito eficaz contra a
ASTHMA
 Catarrho — Oppressão
 e todas affecções espasmódicas
 das vias respiratorias.
 35 Anos de Bom Exitto. — Medalhas Ouro e Prata.
H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o
 6, Rue Dombasle, 6
PARIS
 2 ROAS PHARMACIAS

O Seculo Agricola

SEMANARIO ILUSTRADO de uso no pratico de agricultura, Jardinagem, criação de animaes, etc.

PREÇO, 20 réis CADA NUMERO

Resposta a consulta: prestação de serviços tecnicos; analises e informações

Por assinatura. Trimestre, 25 centavos

A MAIS BARATA PUBLICAÇÃO DO GENERO

PARA ENGADERNAR A

"Ilustração Portuguesa"

Estão á venda bonitas capas em porcelaine de fantasia para encadernar o primeiro semestre de 1914 da «Ilustração Portuguesa». Desenho novo de ottimo effeto.

PREÇO: 300 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia póde ser remetida em vale do co-relo ou setos em carta registada. Cada Capa vai acompanhada do indice e frontispicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO "SEculo"

Rua do Seculo, 43 - LISBOA

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
 TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Roses d'Orsay

Evoca o perfume da flor
 © D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS

Trabalhos de Zincogravura, Fotogravura, Stereotipia, Impressão

Zincogravura

e Photogravura

Em zinco simple de 1.^a qualidade, cobreado ou niquelado.

Em cobre.

côres, pelo mais recente processo — o de trichromia.

Para jornaes com tramas especiaes para este genero de trabalho.

e Composição

FAZEM-SE NAS

OFFICINAS

DA

Ilustração Portuguesa

Postas a disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inexacta divel perteição

Stereotypia

De toda a especie de composição

Impressão

e composição

De revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite

OFFICINAS DA

Ilustração Portuguesa

R. DO SEculo. 43

ANO DE FUNDAÇÃO: 1882

Divisa: "SEMPRE O MELHOR"

Fábrica



Ancora

DISTILAÇÃO A VAPOR

ESCRITORIO E DEPOSITO GERAL: 32, R. do Alecrim, 42

SUCURSAES: } 72, R. do Ouro
e R. do Corpo Santo, 7, IILISBOA
(Telephone n.º 91)

N. B. — Os productos da FABRICA ANCORA encontram-se á venda na grande maioria dos estabelecimentos do nosso paiz, das ilhas e de todas as nossas colonias.

licôres superfinos de todas as qualidades, incluindo imitações indistinguíveis das quatro marcas de licôres francezes mais afamadas:

Eremita amarelo e verde, Triplice Seco, Fradetine, Convento amarelo e verde, cujos preços dentro de Lisboa, a retalho, em garrafas ou frascos de litro são respectivamente: 1\$00, 1\$10, 1\$20, 1\$30 e 1\$50.

Especialidade em licôres de frutos de Portugal:

Jangerina de Lisboa, Laranja de Setubal, Ginja de Portugal, Morango de Cintra, Abrunhos, Marmelo, Limão, Tutti-Fruiti e Ananaz de S. Miguel e Banana da Madeira; e outros licôres finissimos, taes como: *Anisette e Curaçau de Holanda, Mentha glacial e Peppermint, Marasquino de Zára, Kummel de Riga, Anis escarchado, Anisado refinado, Granito, Luso-Africano, Elixir de Cintra, Vasco da Gama, Ponche, Caçador-Ciclista, Licôr*

de Ouro e Cremes de Ovos, de Cacau, de Rosas, de Baunilha, de Moça, de Chá e de Caneia.



Xaropes especiaes de puro suco de frutos ou plantas e assucar, a saber: *Groseille, Salsaparrilha, Capilé, Grenadine, Morango, Framboises, Laranja, Jangerina, Ginja, Limão, Gomma, Orxata, Ortelá Pimenta e Ananaz.*

Cognacs finissimos e purissimos de excelente aguardente velha de vinho, rivalizando positivamente com as marcas francezas as mais reputadas.

Amargos e aperitivos, genebra e aguardentes de extra-superiores qualidades.

A Fabrica Ancora foi premiada com *medalhas de Ouro nas Exposições Universaes de Paris 1889 e 1900, Industrial do Porto 1897 e de S. Miguel 1901* — e com

Grands-Prix nas Exposições Universaes
de St. Louis 1904 e Rio de Janeiro 1908



Os produtos da Fabrica Ancora atingiram o maximo grau de perfeição e incontestavelmente não receiam o confronto com os das mais afamadas marcas holandesas, francezas e russas, *custando, porém, muitissimo menos.*

Estes factos, hoje sufficientemente comprovados pela maioria dos consumidores, teem contribuído de um modo notavel á geral preferéncia da marca *Ancora*, sobre analogos productos de origem estrangeira, e a tal ponto.

que a importação d'estes ultimos tem sofrido uma redução muito consideravel.

A excelente reputação que a Fabrica Ancora depois de 32 anos de incessante e escrupuloso trabalho tem conseguido alcançar, tanto em todo o paiz como em todas as nossas colonias, estende-se tambem já aos mercados estrangeiros, onde os seus productos são tambem muito apreciados.

ENVIAM-SE CATALOGOS A QUEM OS REQUISITAR